



O COLLEGIO

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

ASSIGNATURA: 500 RÉIS POR ANNO

P.º Antunes d'Azevedo

(ABRADE DE VILLAR, EM VILLA DO CONDE)

Foi meu companheiro de collegio o Antunes, rapaz vivo como o azougue e amavel como a bondade.

Distanciados por aulas e classes, poucas foram as nossas primeiras relações, mas sufficientes a inscrevel-o entre os primeiros que me captivaram a simpathia.

Pelos preparatorios passou rapido como um gamo, pois que, d'uma familia de intellectuaes, era esperto a valer e brioso o estudante.

No Seminario do Porto mereceu a aura de muito intelligente, embora o não rallasse a paixão do estudo. Dahi, ainda novo de mais para receber ordens sacras, voltou ao ponto de partida, ao collegio de Santa Quiteria.

Creio que lá, no mister de professor, em que era eximio, lhe rodaram uns nove annos, folgados e gratissimos. Leda temporada essa, vista agora já longe, no crepusculo da saudade! Como voou rapida e suave, na dulcitude do convivio feliz e amigo!

Um dia marcou-nos a Providencia outro rumo. Varios de nós, como colonia que se desgarrara e liberta, abrimos e creamos o collegio de S. Dámaso. Nesse lance pudémos medir o quilate da amizade do P.º Antunes.

Com sacrificio grande, porque já então escolhera para si a vida parochial, veio auxiliar a iniciação da obra de seus camaradas. Ajuda tanta não ha gratidão que bem a pague, se attendidas as condições em que foi prestada. Mas não só isso: ao impulso inicial junctou o auxilio per-

severante, mantendo aqui um grupo sempre distincto e ás vezes numeroso, de collegiaes seus conterraneos.

Já vê o leitor que sobradamente justo é o preito de reconhecimento que *O Collegio* tenta prestar-lhe, estampando nesta pagina o seu retrato insinuante.

Pesa-me devéras não ter um lanço de pennã assaz geitoso para, em linhas magistraes, esboçar um dos mais sadios caracteres que tenho conhecido.

Diria-se uma deliciosa aliança da bondade com a intelligencia. Num ai faz-se senhor absoluto de nossa affeição.

E' despreoccupado, modesto, franco. A ambição que atormenta tantos espiritos aponcados, não acha ninho n'aquelle coração magnanimo.

Toma a vida pelo prisma sereno, que mais applaudo. Vive em graça com Deus e com o mundo, o que não é dos menores milagres que hoje se possam fazer. Modelo como parochio, conscio da sua missão como padre, não engeita as honestas regalias que a vida offereça. Jovial como a propria alegria, a sua conversa ressu-

ma encanto de limpida lhaneza, que desata a expansão e enleia a confiança.

E a brunir esse conjuncto aprimorado, não é difficil encontrar, naquelle prendado character, uma altivez nobre, que refuga para longe, tudo o que não se conforme com a mais cristallina honradez.

Nesta hora desconsolada, em que os bons sam tam raros, que nem ao candeio de Diogenes se desencantam, é util apontar para os que moralmente se alteiam.



DOIS CAMINHOS

Um dia, sentado á janella do meu quarto, eu divagava com o olhar pelos espaços infindos da terra e do céo, e, pouco e pouco, fui sentindo desenvolver-se-me sobre o coração o manto negro de umas vagas tristezas.

Volviendo um olhar retrospectivo para o passado, fui lembrando o que tinha visto e sentido — uma mão-cheia de recordações.

Eu tinha visto as nuvens desencadearem-se em tormentosa procella, os homens debaterem-se em sangrenta guerra, a minha innocencia fugir para o céo, sua patria, o drama angustiado da vida desenrolar-se ante meus olhos com toda a magnitude do seu horror; as illusões da infancia desvanecidas, fementidos os sonhos de ventura, frustradas as mais risonhas esperanças.

Veiu distrahir-me destas cogitações tristes o adejar de uma formosa pomba que passou por deante de mim.

Passou veloz, fugitiva, mas parece que deixou, na esteira do seu rapido vôo, um raio de luz.

Segui-a com o olhar, e vi-a ir desaparecendo, desaparecendo, até que de todo se sumiu na immensidade do espaço... e eu fiquei com os olhos no céo.

Aquella pomba pareceu-me uma imagem das almas puras, angelicas como a minha o fôra naquelles tempos sandosos em que pairava serena, immaculada, nas regiões purissimas da innocencia.

Senti desejos de ter umas asas brancas como as della, para como ella me alar ao puro azul do infinito, para como ella voar ao céo...

A terra deixou de deslumbrar-me com seus encantos, já não satisfaz a minima das minhas aspirações, já me não proporciona um só objecto onde ponha o menor dos affectos do meu coração.

Por isso, eu queria voar ao céo.

Queria voar ao céo, mas não posso; as asas d'anjo que o Senhor me déra, perdi-as no tumultuar confuso dos interesses transitorios do mundo.

Queria voar ao céo, e sinto-me preso á terra, mar de pranto, sarça d'espinhos, abysmo de dôres.

"Quando veniam," — disse — e uma lagrima candente deslison-me silenciosa, amorissima, pelas faces contrahidas.

*

* *

Entretanto, uma voz intima dizia-me assim:

"Chora, chora muito, derrama torrentes de lagrimas, que ellas, ao tocarem a terra não irão sós. Milhares d'infelizes choram como tu.

Não és o unico desilludido do mundo.

Muitos te acompanham na dôr, herança de todos..."

E chorei.

*

* *

Depois, volvendo um derradeiro olhar para o espaço onde cria avistar ainda a saudosa pomba, pareceu-me vêr, para os lados do oriente, reflectirse no céo a sombra magestosa de uma cruz solitaria.

Fiquei alguns momentos absorto, pensativo, como que adorando em espirito o symbolo angusto da minha fé.

E a voz intima continuou assim:

"Chora, mas crê e espera.

Perdeste as asas immaculadas da innocencia, mas ficaram-te abertos os braços amigos da cruz..."

S. Dámaso — março — 1899.

Custodio Mesquita.



MORS EJUS...

No monte da Judéa estava erguido
O descarnado, o funebre madeiro
Em que o não erido Christo verdadeiro
Exhalaria o ultimo gemido...

Ei-lo que lá caminha todo ferido,
Olhando do seu dia derradeiro
O sol a esconder-se bem fagueiro,
No horizonte de purpura tingido.

E encobre-se o sol; a terra treme
E semelha o trovão ruina de torre
Que desaba: castigo o povo teme.

Pelo Calvario o rubro sangue corre...
E junto á cruz a Mãe lutuosa geme
Pelo filho que affrontosamente morre...

José Oliveira Bastos

(alumno).



Engeitadinho!...

(A MINHA EXTREMOSA MÃE)

A noite estava tempestuosa e lugubre. As nuvens negras, acastelladas, corriam com rapidez açoitadas pela nortada rigida.

O relampago fendia as nuvens deixando através da sua luz azulada transparecer o céo, fundo, negro, sinistro... um abysmo! O mar rugia ao som da tempestade; as vagas altas, espumantes, audazes, vinham quebrar-se num bramido rouco d'encontro ás rochas, desfazendo-se num nevoeiro denso.

De espaço a espaço uma cobra de fogo percorria aquella mansão de trevas, acompanhada de estampido medonho. Era o raio irado caíndo numa arvore, fazendo os ramos em estilhas com um fremito horrivel.

Oh! tempestade! tu és o espelho da alma. Tu tens dôres, tens agonias; a alma tambem soffre, tambem tem estertôres. Tu luctas com o abysmo insondavel, com o Oceano, o pélago profundo; a alma tambem lucta com o abysmo em que a despeñou o vicio, tambem se debate na agonia immen-

sa, a que a arrojou o crime. Se tu te desencadeas horrenda, implacavel, na alma entra a rugir a tempestade, a tempestade da vida, das paixões desordenadas.

E no entanto apesar da furia da tempestade, na praia distinguia-se á luz dos relampagos o vulto de uma creança. Faces cavadas e macilentas; os olhos negros como a noite perdiam-se no espaço; os cabellos annellados e loiros fluctuavam-lhe em desordem sobre a fronte pallida. Ao luzir do relampago, o triste levava as mãos aos olhos e vacillante como um ebrio dava ao acaso um passo para o abysmo. Parava, fitando desmedidamente as trevas e como impellido por força occulta, ajoelhava na areia fria, que as vagas vinham beijar e erguia as mãozinhas tremulas para Deus; os labios crestados pela febre da fome agitavam-se numa prece fervorosa. Filho do crime, desamparado, sem uma enxerga, sem pão, sem uma lagrima, sem um carinho!

Perguntaram-lhe um dia se tinha mãe! Desgraçado! Abriu os olhos com espanto, marejados de lagrimas; não comprehendeu, porque não sabia o que era uma mãe! Não soubera nunca desvendar os mysterios de um coração materno; não conhecera affagos, nem carinhos; nunca despertára de um somno innocente ao calor de um beijo!?. . .

Luctára em vão todo o dia; a fadiga prostrou-o, o somno cerrou-lhe as palpebras, e adormeceu no meio daquelle areal immenso; e não prevenido que dentro em pouco seria presa do abysmo, dormia com a placidez de um anjo. A maré cresce; as vagas approximam-se, até que uma envolvendo-o, o arrasta consigo.

A lua então appareceu pallida, como um sudario, tremeluzindo entre as nuvens. O vento entoou-lhe o canto mortuario; as vagas cerraram-lhe a vida e o relampago mostrou-lhe o céu.

E aquella alma, martyr pela miseria, santa pela innocencia, voou para Deus nas asas da procella.

A tempestade rugiu mais horrorosa; o mocho piou sinistro sobre aquelle cadaver que se afastava com o balanço das vagas que pareciam embala-lo no derradeiro somno. . .

8. Dámaso, 21 — 3 — 99.

Henrique Miranda

(alumno).

A VIDA DO CAMPO

Como é bella a vida do campo! mas, em commensuração, como é cheia de trabalhos!

O camponês passa a vida num labutar continuo; as suas mãos calejadas sem descanso cavam a terra á procura do sonhado thesouro escondido sem que, ao menos as levante, um instante para limpar o suor que lhe banha o rosto. Se é com elle que amassa o pão de cada dia?! . . . Trabalha, porém, docemente embalado pelos cantos harmoniosos dos passaros, sorrindo com uma alegria franca e lavada que elle bebe nos raios dourados do sol.

Ao romper da estrella d'alva principia a azafama nos campos; a garrula animação dos lavrado-

res casa-se com a grillhada matinal dos pardaes. Os novillos, cabriolando pelo prado formam um frisante contraste com a sórna gravidade das vacas.

O pequeno pastor trautea uma canção da moda emquanto com a vara vae aguilhoando algum boi mais rebelde que retouça nos pampanos das vides d'enforcado. A poesia bucolica entrevê-se na sua expressão mais pura.

Ao domingo veste a aldeia cara lavada. De facto, em dias de guarda, o campo offerece-nos o aspecto risonho, loução, fresco, de cara barbeada, que ate nas cousas se reflecte. O sol, parece mais dourado, as casas mais brancas, o gado mais luzidio, a gente mais alegre. E' dia do Senhor; veste-se a melhor jaqueta, cobre-se o melhor chapéu, escolhe-se a camisa mais alva para O ir visitar logo pela manhazinha — "que o Snr. Abbade é muito madrugador. . ."

Visitam-se os parentes, cumprimentam-se os amigos e as velhas permitem-se um descanso ao fuso, para darem um pouco á lingua. O sino tem um som de festa, que lembra baptizado e o altar tem um ar de religiosidade que arrouba o espirito.

E' a poesia mystica numa das mais sympathicas interpretações.

E ali está porque gosto muito do campo.

A. Pimenta.

CONFRONTO

Que sonhos fulgidos
Sonhei outr'ora!
Sonhos que agora
Não voltarão!
Sonhos duma alma
Toda candura
Duma alma pura
Sem ambição.

Tudo ceruleo
Dantes eu via:
A phantasia
Me dominava;
Mas vejo agora
Quão outra seja
A impura inveja
Que abysmos cava.

Se melancolico
Penso nos tantos
Magos encantos
Dantes fruidos
E, se chegando
A esse ponto,
Faço confronto
Dos dias idos,

Agora esqualida
Negra cubiça
Odios atiza
Entre os mortaes;
Irmãos separa,
A raiva augmenta,
Torna-a cruenta
Cada vez mais!

Co'os dias turbidos
Que agora passo,
De pensar lasso
Pouso a cabeça
Nas mãos convulsas;
E os pensamentos
Vôam aos centos,
Té que adormeço.

Verdades lugubres!
Tristes verdades!
Rivalidades
E ambições,
E' o que se vê
Cá... neste mundo
Pélago fundo
De vis paixões.

Dantes, não práctico
Com falsos brilhos
Julgava trilhos
Pisar de flores;
Hoje só vejo
Do mundo o lodo,
Conheço-o todo
Com seus erros.

Furores bellicos,
D'iras vertigens...
Quaes as origens
De tudo isto?...
Falta d'amor...
Não cumprimento
Dum mandamento
Da lei de Christo!

Amílcar Barca

(alumno).

CHRONICA DA QUINZENA

GABINETE DE LEITURA — Achou echo na generosidade dos destinatarios o nosso appello a favor do "Gabinete de Leitura,,. O *Registo d'entrada* irá archivando as obras recebidas, lavrando publico testemunho de gratidão :

Albano Bellino — *Impressões e Letreiros. Novas inscripções romanas de Braga.*

P.^o Amandio — *Livro de Historias* (Fabre). *Contos da Avozinha* (2 volumes). *Historias de Animaes* (Travassos L.)

A. A. — *Contos para Nossos Filhos* (M. Amalia). *Contos do Tio Joaquim* (Paganino). *Mil e Uma Noites* (8 volumes). *Anjo da Torre* (Previti). *Dous Annos de Férias* (J. Verne). *Divindade de Jesus* e *Horas de Paz* (Camillo). *A Roma!* (P.^o Capella). *Escriptos Catholicos* (P.^o S. Freitas).

A' IMPRENSA — Saudou o apparecimento do nosso quinzenario, palmeando-o e fazendo-lhe uma apresentação muito lisongeira, azada a afagar-lhe a vaidade, se não tivera formado de si um juizo frio que lhe corta as asas da phantasia.

Contudo agradecemos, a uns a gentileza da permuta e a outros as honras da referencia.

Sobre a mesa do "Gabinete de Leitura,, temos folheado as seguintes publicações que nos honram com a visita:

A Nação, diario legitimista de Lisboa (Fernando Pedroso). *Vida Nova*, tri-semanario de Vianna (H. Bravo e R. Pereira).

O Perfume, quinzenario illustrado de Lisboa (Balsemão).

Gil Braz, quinzenario illustrado de Lisboa (J. Vieira).

A Lagrima, quinzenario de Barcellos.

Aurora do Cavado, de Lisboa (Rodrigo Velloso).

Bulletin Salésien, mensal.

Os semanarios:

Amigo da Religião (Braga).

A Opinião (Braga).

Estrella do Minho (Famalicão).

O Povo Espozendense (Espozende).

Jornal de Paços de Ferreira.

Folha de Felgueiras.

A Vida Moderna (Porto).

O Minho (Famalicão).

O Progresso (Guimarães).

Cruz e Espada (Braga).

Voz da Verdade (Braga).

O Ave (Villa do Conde).

A Verdade (Marco).

O Desforço (Fafe).

Revista Catholica (Vizen).

Progresso Catholico (Porto).

A Cruzada (Villa Real).

CARTAS NOTICIOSAS

II

A ti amigo

Envio muito saudar.

Se lês pelo reportorio, a estas horas deve estar sciente de que navegamos em plenas férias e por isso deves suppor que me custa os olhos da cara ter que reatar a nossa correspondencia sobretudo sob a fórma indiscreta duma carta-aberta; se me pudéra desquitar desta obrigação sem quebra da minha

reputação de chronista-mór do *Collegio*, á fé que o faria de boa mente. Emfim... ossos do officio. De penna em riste, mãos á chronica, sem mais rhetoricas.

O principal acontecimento da quinzena — fecho do trimestre, foi a sessão mensal da Associação que se realizou no dia 23, vespera de férias. Aproveitou-se esta monção d'enthusiasmo para que não desdissesse da animação das precedentes.

Occupava a presidencia a mēsa gerente. Segundo a praxe leu-se a acta da sessão anterior e sujeitou-se á approvação da assembleia. O presidente expôs o estado dos negocios da Associação; alludiu ao "Gabinete de Leitura,, elogiando os offerentes e incitando os retardatarios; lembrou a propaganda do periodico *O Collegio* (que, aqui para nós, traz entre mãos uma surpresa d'alto lá com ella); disse estar em projecto uma festa a Santo Antonio, commemorando a "primeira communhão,, dos alumnos e por isso, exigiu de novo, do brio e liberalidade dos socios, a offerta d'algumas prendas para um bazar que se deverá promover nos principios de maio. Proclamaram-se socios os ex-alumnos: Francisco Vieira, Abrahão, Rebello, Geri-cota, Abilio A., João Miranda e Annibal Mesquita. Nomearam-se commissões que deviam tratar de arrecadar prendas: Grandes — Motta Prego, F. Bastos e H. Miranda. Medios — Cruz, Oliveira Bastos e Carlos Moreira. Pequenos — Antonio Barreiros, J. Vianna e Manoel Pimenta. Em seguida passou-se á parte literaria. Tomou a palavra o snr. P.^o Mesquita sobre a *Razão e sentimento*; disse cousas que provaram á saciedade que possuia esses dous dotes em grau elevado, teve até raptos eloquentes que levaram o presidente a dizer que era a revelação duma vocação oratoria. As palmas e bravos que echearam na sala pôde contá-los no numero dos seus triumphos. Pediram a palavra tambem o snr. Cerqueira e alumnos: A. Ribeiro, H. Miranda, Tito Livio e Luiz Barreiros. O snr. Cerqueira, pronunciou uma enthusiastica allocução, enaltecendo o valor das associações religiosas e não poupano louvores á nossa. O snr. Ribeiro, secretario da mēsa directora provou-nos quanto vale e quanto se descure, hoje em dia, o amor da Religião e da Patria e apontou o errado caminho que levava a tresluncada mocidade d'hoje. Portou-se á altura dos seus creditos. Os outros recitaram poesias com tão raro engenho que abriram torrentes de applausos.

A *estudentina* punha em tudo isto a nota viva e pitoresca do bello artistico, que mais fundo fere a nossa sensibilidade. Ao piano, Arlindo Martinó e José Vianna foram ouvidos com gosto e applaudidos com alma.

A orchestra, largamente figurada, executou os hymnos e um trecho musical (*Depois de férias*), sendo de ouvir principalmente ao rabecão o victoriado snr. Martinó. Ao deitar-me, pude dizer como Tito — "não perdi o meu dia.,"

Em áparte; não quero que me ponham pecha de louvainheiro nem me alcunhem o modo de escrever, de estilo de aleluias, embora ellas estejam á porta; desafio o mais pintado a que venha cá assistir a uma sessão e então, se elle não conseguir pasmar, quebro a minha penna.

A rapaziada era toda cara de paschoa, não havia repressar-lhe a alegria que lhe saía em borbotões pela boca.

Como estamos na epoca dos folares, não perderei o lanço para te sollicitar da tua mão generosa um obulo para o nosso "Gabinete de Leitura,, e desde já t'a beijo agradecido. A bom entendedor... Não ponho mais na carta. *Vale.*

Teu

Tinhagoso.